



De Ira Sachs - Diretor do impressionante drama queer contemporâneo *Passagens* -A década de 1970 Nova York-set *Dia de Peter Hujar* é um experimento confinado de dois caracteres que é muito mais sobre humor do que a trama. Situado quase inteiramente em um apartamento ao longo de um único dia, seus meros 76 minutos são lançáveis, embora essa seja uma parte importante de seu sucesso. Poucos cineastas evocaram uma época tão distintamente sem o mínimo de apontar a câmera pela janela para capturar a rua abaixo.

O filme é reconstruído a partir de uma transcrição, uma vez que se pensa ser perdido, de uma entrevista com o fotógrafo gay de Nova York Peter Hujar (*Passagens* estrela Ben Whishaw) conduzida pela escritora Linda Rosenkrantz (Rebecca Hall). A gravação ressurgiu em 2019 - Rosenkrantz a publicou como um livro [Sob o mesmo título](#) Como o filme - mas Sachs não apenas reava a entrevista como escrito. Em vez disso, ele extrapola o que parece ser uma vida inteira apenas das palavras.

O que você vai ler:

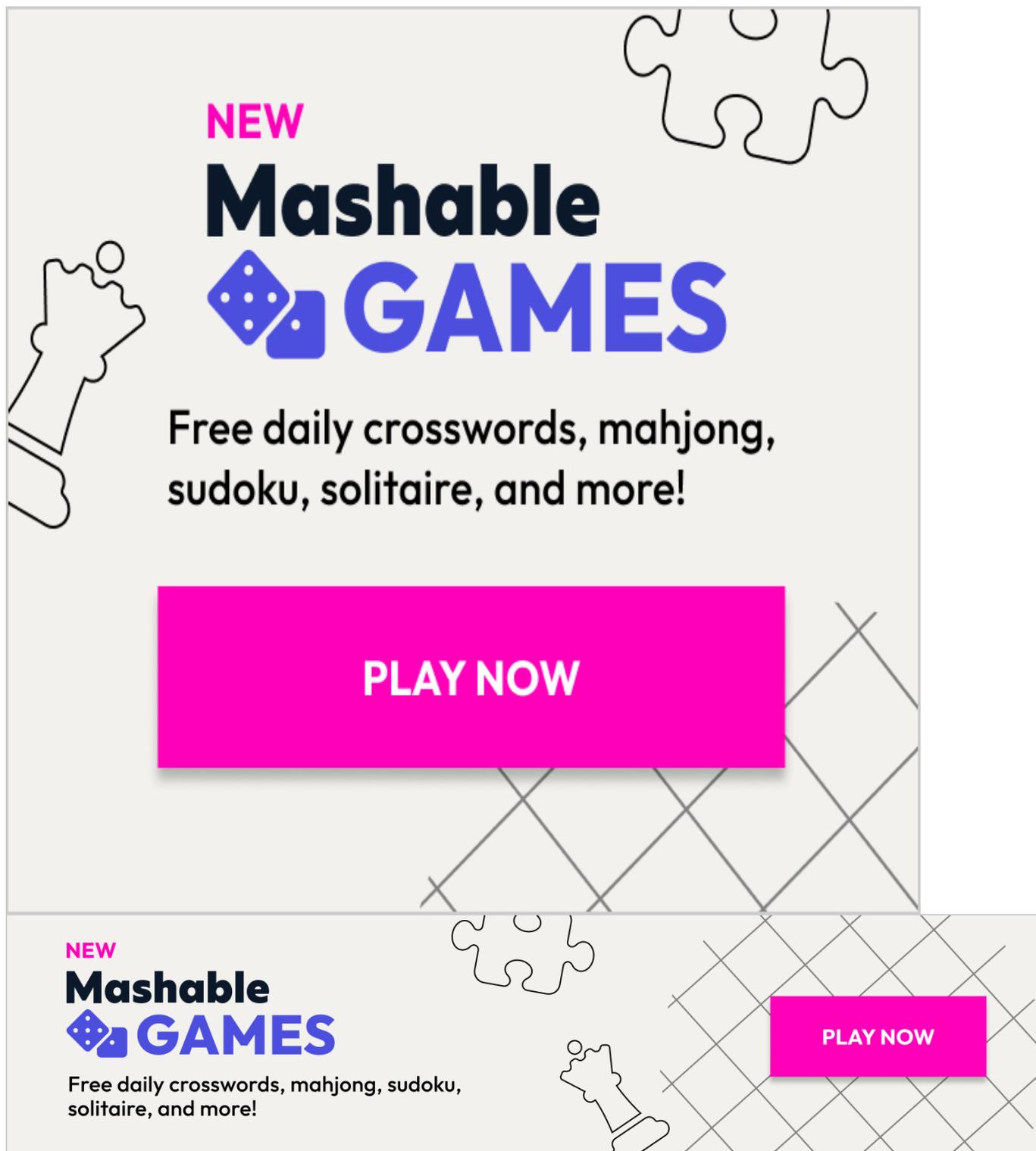


- [O que é Dia de Peter Hujar sobre?](#)
- [Dia de Peter Hujar é uma ponte artística entre as épocas.](#)
- [Dia de Peter Hujar traz uma qualidade humana às figuras do passado.](#)

O que é *Dia de Peter Hujar* sobre?

Descrevendo *Dia de Peter Hujar* corre o risco de simplificar demais, Mas a simplicidade do filme é seu charme. Começando em uma manhã aleatória de dezembro em 1974, o curioso Rosenkrantz - que correu nos mesmos círculos que Hujar, criando uma sensação de intimidade - pede que ele se lembre de todas as coisas que fez no dia anterior. Enquanto seu gravador de fita de dois veículos gira (parecido com um [projektor](#) de cinema em aparência e [som](#)), Hujar passa seu dia e a dupla se move em seu apartamento em East Village enquanto narra, em detalhes floridos, eventos que poderiam parecer não dignos de nota no tempo, mas assumindo um significado maior no retrospecto.

Isso não é diferente da maneira como a fotografia de Hujar passaria a ser percebida. Dele [Retratos em preto e branco](#) Fez poucas ondas na época - certamente não comparadas aos contemporâneos como Andy Warhol -, mas desde então foram canonizados como tendo trazido uma textura e profundidade sutis a seus súditos, física e psicologicamente. Como Nan Goldin [uma vez escreveu](#) Da arte pessoal de Hujar: "Suas fotos são exóticas, mas não de uma maneira superficial e sensacional. Olhando para suas fotografias de homens nus, mesmo de um menino nu, é o mais próximo que [eu](#) já experimentei o que é habitar a carne masculina. "



NEW
Mashable
GAMES

Free daily crosswords, mahjong,
sudoku, solitaire, and more!

PLAY NOW

NEW
Mashable
GAMES

Free daily crosswords, mahjong, sudoku,
solitaire, and more!

PLAY NOW

Embora o filme não siga as dicas das imagens de Hujar (exceto alguns interlúdios de sonho), Sachs tenta descobrir uma dimensionalidade semelhante à vida real. Seus tiros - principalmente parados, embora às vezes se movendo gradualmente pelo espaço - ajudam a criar uma sensação de intriga. Isso anda de mãos dadas com o desempenho completamente considerado de Whishaw, que parece livre e desinibido em seus movimentos, se Hujar se move de sala em sala ou simplesmente mexe no sofá.



Sachs geralmente se destaca em criar esse senso de vida entre os vincos e *Dia de Peter Hujar* está entre suas melhores realizações estéticas. Sua forma não apenas evoca uma hora e um local específicos, mas também cria uma relação distinta entre sua configuração em meados dos anos 70 e o presente desde o início.

***Dia de Peter Hujar* é uma ponte artística entre as épocas.**

O Nova York de hoje seria alienígena para Nova York de Hujar e vice-versa. A cidade certamente era mais sombria na década de 1970, com mais perigo e mais vantagem – pense em Martin Scorsese's *Motorista de táxi* – mas também foi o berço de uma cena crescente de artes americanas que desde então tem sido precificado há várias décadas.

Histórias principais mashable

Ao longo do filme, Hujar menciona seu endereço de East Village e o de outros artistas que ele viajou para fotografar a manhã anterior, observando os bairros ásperos que há muito tempo foram gentrificados. É verdade que, para entender o significado desses detalhes, requer conhecimento da topografia moderna da cidade, o que certamente diminui o público pretendido do filme (ou pelo menos aqueles que podem pegar tudo o que está abaixando), mas essa especificidade é uma extensão de sua experimentação.

Na superfície, é um filme de “contar” em vez de “mostrar”, mas a obliquidade inerente (e a natureza ofuscante) de seu diálogo limita quanto disso pode ser considerado exposição. De qualquer forma, é de fato um filme de “exibição” em um sentido macro – de descrever os pensamentos e sentimentos de Hujar em relação a cada descrição – com Rosenkrantz como seu papel alumínio principalmente silencioso, cuja contribuição sobre suas lembranças se torna conhecida sem palavras.

A cinematografia de 16 mm do filme de Alex Ashe evoca que a cena do cinema sem onda de lugares e horários, liderada por artistas como John Cassavetes, com suas texturas celulídes distintas e destaques sempre explodidos, como se fosse produzido barato. As qualidades acústicas adicionam a esse sentimento de bricolage, que inclui falhas e ruídos desbotados nas gravações de áudio, como se toda a trilha sonora do filme (em vez da transcrição da entrevista) fosse a coisa que havia sido redescoberta, e o filme estava apenas adicionando dimensões físicas a algo ouvido.

Ao lado dos ruídos ambiente de Nova York, de sirenes de ambulâncias a ruas barulhentas, cada elemento físico na tela se destaca na trilha sonora: óculos, louça e até cadeiras sendo arrastadas para que Hujar e Rosenkrantz possam sentar. As fotos repetidas de Sachs do gravador servem para nos lembrar que o que estamos assistindo é uma recreação ou reestaduras do passado. O filme ainda abre com uma placa de badalha e apresenta cortes de



salto frequentes, apesar de suas cenas de comprimento. Até vislumbramos ocasionais membros da tripulação moderna, colocando microfones em boom no lugar. No entanto, essa qualidade brechtiana nunca prejudica a sensação realista e realista do filme.

Os personagens nunca pisam na câmera, ou mesmo reconhecem, apesar de Sachs chamar nossa atenção para o artifício. Nunca assistimos atores desempenhar um papel. Em vez disso, estamos assistindo figuras históricas através de uma lente moderna, um exercício auto-reflexivo no qual o presente e o passado existem simultaneamente, criando um contraste entre vida e arte como antes era, e agora é-tornado ainda mais aparente por Hujar invocando casualmente os nomes de figuras famosas.

***Dia de Peter Hujar* traz uma qualidade humana às figuras do passado.**

O que exatamente foi “o dia de Peter Hujar”? Conforme narrado por Hujar no filme, as 24 horas anteriores foram levemente irritantes, dado quantas pessoas ele teve que perseguir dinheiro e outras confirmações de agendamento - essa é a vida de um artista freelancer - mas eles também foram agitados, no sentido de que eles criaram uma recontagem divertida. Rosenkrantz mal interrompe, em parte porque ela é uma boa repórter, deixando seu assunto falar por si mesmo, mas em parte porque ela, como a platéia, está familiarizada com as pessoas específicas que Hujar se refere em sua história: como o crítico Susan Sontag, poeta Allen Ginsberg e o autor William S. Burroughs.

A diferença entre o relacionamento dos personagens com essas figuras e o público é que, para o primeiro, eles são conhecidos, enquanto que para nós, eles são pilares da cultura ocidental moderna, o que contribui para uma desconexão fascinante. *Dia de Peter Hujar* Praticamente vive dentro desse espaço dissonante, em que tudo o que é mundano para Hujar e Rosenkrantz está destinado a ter uma qualidade histórica cerca de cinco décadas depois.

O fato de essas lendas artísticas serem mencionadas e não são vistas acrescenta, por um lado, uma qualidade mítica para eles - um de sussurros e rumores - mas o que realmente é dito sobre eles os fundamenta através de uma abordagem surpreendentemente atrevida. A personalidade, quer, gosta e aborrecimentos de Hujar vêm à tona através de suas anedotas, que existem em algum lugar entre fofocas e queda de nome. Cada vez que ele narra suas interações com alguém que o público pode ter ouvido falar, ele o faz de maneira bastante casual (o que faz sentido - Hujar não tem a perspectiva que o público faz), acrescentando uma qualidade humana a uma era muitas vezes mitologizada, trazendo -nos mais perto dele no processo.

Um filme que se lembra de lembranças e *Dia de Peter Hujar* é, por sua própria natureza, um filme de reflexões e refrações. No entanto, faz com que suas várias cópias do Xerox do passado pareçam completamente originais e realistas, transformando uma entrevista



contida no que pode ser uma biográfica mal -humorada.

Dia de Peter Hugar foi revisado do Festival de Cinema de Sundance de 2025.